

A terra dá, a terra quer

Calu Teixeira Coelho^{1*} 

¹Colégio Pedro II/Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil

*Autor de correspondência: calucoelho8@gmail.com

RESUMO

Esta é uma resenha da obra SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. O livro é dividido em 6 seções e traz o pensamento do mestre e liderança quilombola Nego Bispo, em confluência com os saberes e modos de vida de sua comunidade, o Quilombo Saco Curtume, em São João do Piauí (PI).

PALAVRAS-CHAVE:

Afro-pindorâmico
Educação
Quilombo

ABSTRACT

This is a review of the work SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. The book is divided into six sections and presents the thoughts of the quilombola leader Nego Bispo, in confluence with the knowledge and ways of living of his community, the Quilombo Saco Curtume, in São João do Piauí (PI).

KEYWORDS:

Afro-pindoramic
Education
Quilombo

RESUMEN

Esta es una reseña de la obra SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. El libro está dividido en seis secciones y presenta el pensamiento del líder quilombola Nego Bispo, en confluencia con los conocimientos y modos de vida de su comunidad, el Quilombo Saco Curtume, en São João do Piauí (PI).

PALABRAS-CLAVE:

Afro-pindorâmico
Educación
Quilombo

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

Antônio Bispo dos Santos, Nego Bispo, é¹ lavrador e quilombola do Quilombo Saco Curtume, em São João do Piauí. Sua escrita, marcada pela oralidade, é generosa e nos apresenta o modo de vida de sua comunidade. Bispo foi o primeiro de sua família a ser alfabetizado e recebeu as missões de traduzir para a escrita a sabedoria de seu povo e de mediar as relações da comunidade com o Estado, cuja violência se manifesta, também, pela invalidação da oralidade. É uma liderança e um mestre, e sua luta política sempre se ancorou nas cosmopercepções dos povos contracoloniais.

O livro aqui resenhado, *A terra dá, a terra quer*, foi lançado em 2023, pouco antes do encantamento de Mestre Bispo. O texto é dividido em seis capítulos, intitulados: 1) semear palavras; 2) cidades e cosmofobia; 3) somos compartilhantes; 4) arquitetura e contracolonialismo; 5) colonialismo de submissão; 6) criar solto, plantar cercado. Ao longo de suas páginas, Nego Bispo apresenta seus pensamentos acerca do colonialismo, das diferenças entre os povos da cidade e dos quilombos, da integração do ser humano² com a natureza e com os territórios aos quais pertence, além de introduzir algumas ideias sistematizadas em palavras e expressões de sua autoria, tais quais: confluência, biointeração, contracolônização e eurocristão monoteísta.

No primeiro capítulo, intitulado *semear palavras*, o autor conta um pouco sobre sua infância na comunidade quilombola. Ele relata que cresceu em um lugar integrado à natureza, onde o canto dos pássaros, que era o primeiro som ouvido ao acordar pela manhã, já avisava sobre as condições meteorológicas do dia. A

¹ Faço a escolha de falar de Nego Bispo no tempo presente relacionando-me com sua ideia de "começo, meio e começo", isto é, da circularidade do tempo e de nossa continuidade através do que de nós germina em outras gerações. "Somos povos de trajetória, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo" (SANTOS, 2023, p. 102).

² A categoria de "ser humano" é rechaçada por Bispo, que afirma: "Nós somos os diversosais, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos. Não somos humanistas, os humanistas são as pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos os humanos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são os eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmofobia é a grande doença da humanidade" (SANTOS, 2023, p. 30).

relação de Nego Bispo com o território é imprescindível para pensar seu modo de vida. Ele descreve a arquitetura do quilombo como totalmente adequada às atividades praticadas ao longo do dia em cada um de seus espaços.

Aos 10 anos de idade, começou a adestrar bois e entendeu que colonizar e adestrar é a mesma coisa, pois, em ambas as práticas, o ente atacado é desterritorializado, tem sua identidade quebrada, é retirado de sua cosmologia e de seus sagrados e se vê obrigado a viver novos modos de vida com outro nome. Bispo, então, passa a pensar a linguagem como arma colonial e entende que vivemos uma guerra de denominações (ou conceitos, na linguagem acadêmica). Como estratégia de resistência e enfrentamento, ele sugere transformar as armas do inimigo em defesa e dá o exemplo do que ocorre na favela, território que, segundo ele, adestrou a língua. Ali, fala-se português na frente do inimigo sem que ele entenda.

Para contracolonizar a linguagem, Bispo introduz uma palavra ou expressão para cada conceito colonial, por exemplo: envolvimento para desenvolvimento; biointeração para desenvolvimento sustentável; confluência para coincidência; saber orgânico para saber sintético; transfluência para transporte; compartilhamento para dinheiro (ou troca). Desse modo, o autor propõe enfraquecer as palavras do inimigo que estão potentes e potenciar as dos quilombolas, indígenas e afro-pindorâmicos que estão enfraquecidas. Bispo sempre se refere aos povos de trajetórias, em contraposição aos eurocristãos monoteístas, como aqueles que confluenciam e que existem fora da lógica da colonialidade. “Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende” (SANTOS, 2023, p. 15).

A ideia da confluência como agregação vai ao encontro da noção de xenofilia, descrita por Cheikh Anta Diop (DIOP, 1974) como pertencente ao berço civilizatório Meridional Melanodérmico (africano). O autor diz que a humanidade descende de dois berços civilizatórios: o supracitado e o Setentrional Leucodérmico (euro-asiático). Cada um desses berços seria, inclusive por fatores ambientais, favorável ao florescimento de diferentes características, em geral opostas. Ao contrário do berço civilizatório africano, o berço euro-asiático seria favorável à xenofobia, isto é, a repulsa ao diferente, ao estrangeiro. A colonialidade não permite a concomitância: é sempre algo ou outro algo, não se

pode sobrepor ou agregar. Já no berço africano, com o florescimento da xenofilia, é possível confluenciar, como propõe Nego Bispo. Se pensarmos na figura de Exu, que mora na encruzilhada, local de sobreposição e abertura de caminhos, é possível ilustrar bem a ideia da xenofilia: a boca que tudo come, deglute e cospe de outra forma.

O segundo capítulo do livro chama-se *idades e cosmofobia* e versa sobre as diferenças entre cidade e natureza e a relação entre humanos e outros entes viventes. Segundo o autor, a cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos, e é o contrário da mata, da natureza. O ser humano se desconecta da natureza, não pode nem pisar a terra: é necessário criar a cerâmica e os calçados para evitar qualquer contato com o solo, que é considerado sujo. Humanos não se sentem como animais, e essa desconexão, na visão de Bispo, é um efeito da cosmofobia, isto é, a aversão ao cosmo, à natureza, ao não humano.

Na cidade, é preciso pagar para morar, enquanto, no quilombo, todo mundo tem casa. Na cidade, todo saber é transformado em mercadoria e hierarquizado. Bispo questiona: o que justifica um pedreiro ganhar menos que um engenheiro se quem executa é o pedreiro, enquanto o engenheiro só desenha, e “ninguém mora dentro de desenhos” (SANTOS, 2023, p. 21)? A cidade vive a lógica do indivíduo, enquanto a comunidade vive a lógica do coletivo. Cada organismo é igualmente necessário para o funcionamento da comunidade – e há uma diferença entre ser necessário e ser importante, ser um e ser único. Ser necessário é ser uma pessoa que faz falta, que precisa estar presente, enquanto ser importante é achar que outras pessoas existem para te servir.

Bispo conta que, na comunidade, se alguém pegar um fruto da sua roça, isso não é roubo. Pelo contrário, o dono da roça se sente feliz, pois isso é motivo de reconhecimento, como um troféu. Ali, os contratos eram todos feitos pela oralidade, mas sofreram um ataque brusco para que se transformassem em escriturados, como é nas cidades, em que só há a escola escriturada. Na cidade, só tem valor o que vira mercadoria, então não se contam histórias, apenas se escrevem. A arte também vira mercadoria na cidade, o que faz com que a conversa das almas seja bloqueada. “A arte é a conversa das almas porque vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada. A cultura é o

contrário. Nós não temos cultura, nós temos modos – modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida. E os modos podem ser modificados” (SANTOS, 2023, p. 23).

Para Nego Bispo, a imunização que protege da cosmofofia é a contracolônização, o politeísmo. É o pensamento na circularidade, quebrando o monismo, a dualidade e o binarismo. A comunidade se faz com os diversos, enquanto a sociedade se faz com os iguais. Ali, se vive harmonicamente com a natureza, não se produz lixo e não é preciso armazenar, pois sabem que tem de tudo para todos. “Só precisa armazenar quem não confia, quem tem medo da natureza não fornecer, medo da natureza castigar” (SANTOS, 2023, p. 27). O humanismo anda junto com o desenvolvimento, cuja ideia é tratar os seres humanos como criadores e não criaturas da natureza, seres que querem superar a natureza. Bispo destaca o pensamento fronteiro de sua comunidade: nunca vão atravessar para o lado do humanismo, não querem que o humanismo atravesse para o lado deles, mas também não querem que o humanismo deixe de existir, apenas que haja respeito e diálogo de fronteira.

No terceiro capítulo, denominado *somos compartilhantes*, Mestre Bispo fala sobre a capacidade de seres vivos de compartilharem. Diferente dos habitantes, que apenas moram, os compartilhantes têm uma relação de pertencimento com seu território e sua comunidade. O autor relata o encontro com uma pedra bonita para se sentar no meio de uma caminhada, ou um lajedo onde se pode deitar e descansar. “Esse compartilhamento é tão farto, tão presente em nossas vidas, que dificilmente falamos disso para as pessoas que estão na cidade” (SANTOS, 2023, p. 37). Ele conta, também, que no território em que cresceu, não circulava dinheiro: era um grande compartilhamento, uma fartura. Podia-se pegar com o vizinho o que fosse preciso em um mês e, no seguinte, seria o contrário.

Segundo Bispo, não há indícios de que o povo daquele quilombo tenha sido escravizado. Nunca ouviram falar em trabalho escravo naquela família, e também nunca tiveram patrões. Ele diz que foi criado brincando de fazer o que os mais velhos faziam, o que aponta para uma posição diferente da infância naquela comunidade com relação à posição ocupada por ela na sociedade eurocristã monoteísta. Talvez a infância de Nego Bispo fosse descrita, em uma lógica

paternalista e colonial, como perdida, roubada ou triste. O pensamento unívoco, que marca forte presença na colonialidade, não concebe uma infância que não a idealizada nos moldes europeus, isto é, uma infância romantizada, com crianças puras, inocentes e quietas. Ao contrário dessa ideia, Bispo relata que viveu momentos muito felizes em sua infância, em confluência com sua comunidade e com a natureza. O autor afirma que suas memórias de infância e juventude na roça são refúgios nos quais ele se reanima quando encontra obstáculos na caminhada.

Nego Bispo provoca: as cidades ficam nos quilombos, não o contrário. Em Minas Gerais estão as mais importantes expressões contracolonialistas do povo afro confluente. Em muitos quilombos onde estão outros estados, as práticas foram destruídas ou pelo menos precarizadas pelo Estado, que sempre intervém com políticas que sufocam os modos de vida tradicionais. Por exemplo, por meio de órgãos de fiscalização sanitária, o Estado intervém na alimentação das pessoas e alguns alimentos nativos deixam de ser apreciados. A mesma carne que Bispo serve para seus netos em casa não serve para eles comerem na escola, pois ele não pode vender essa carne para a escola que fica a 5km de sua casa por conta da vigilância sanitária. Ele afirma que as práticas alimentares que se conectam a festas ficam mais fortes e dá o exemplo do Congado: a festa é mais forte que a Lei. As comidas típicas de cada festa acompanham o modo de vida compartilhado e o ciclo de cultivo dos alimentos.

Quilombolas não têm política, têm modos de vida. Política é instrumento colonialista, porque diz respeito à gestão da vida alheia. Política só existe na espécie humana, nas outras espécies existe autogestão. “No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter” (SANTOS, 2023, p. 45). Os colonialistas não transfluem, pois são o povo do transporte, e transporte só anda em linha reta. Na transfluência, não há volta, porque ela é circular. E a decolonialidade entra no debate como uma depressão ou deterioração do colonialismo. Bispo afirma que, às pessoas decoloniais, cabe educar sua geração neta para que não ataque a geração neta dele, enquanto, aos contracolonialistas, “cabe inspirar a nossa geração neta para que ela se

defenda da geração neta dos decoloniais e dos colonialistas” (SANTOS, 2023, p. 53).

O quarto capítulo, de nome *arquitetura e contracolonialismo*, traz diferenças significativas entre o pensamento arquitetônico das cidades e dos quilombos. Nego Bispo compara o quintal do quilombo com a laje da favela: ambos como locais de agregar. A cozinha é a parte mais importante da casa, pois a arquitetura é pensada em função da comida e da festa, as formas compartilhadas de vida. Quilombolas não lidam com a comida de forma mesquinha. Para Bispo, o programa “Minha casa, minha vida” é colonial, pois faz casas que não contemplam os modos de vida das pessoas que as recebem, já que não têm, por exemplo, quintal ou laje. No quilombo, para construir uma casa, pensa-se no vento, na sombra, na poeira, na distância da casa dos vizinhos, das estradas e da sua roça. “Você demarca a sua casa na terra, mas demarca a sua casa também nos astros, para se posicionar dentro de uma relação cosmológica” (SANTOS, 2023, p. 66).

Nego Bispo diz que o povo dos Alphavilles³ chama os quilombolas de pobres, mas provoca: que tal esse povo viver apenas com o que está nos Alphavilles e os quilombolas viverem só com o que está nos quilombos? O povo colonialista se tranca em suas casas e carros e não recebe gente em casa porque tem medo de gente, porque é cosmo-fóbico. E ainda querem impor seu modo de vida a pessoas de territórios quilombolas e indígenas sem considerar o que essas populações desejam. Constroem hotel e quadra de basquete em uma cidade onde ninguém faz uso desses equipamentos. Hotel e restaurante, para Bispo, são lugares de gente pobre, pois gente rica não precisa disso, já que recebe em casa.

O quinto capítulo, *colonialismo de submissão*, expõe como, dentro do sistema colonialista, existe uma hierarquia de submissão. Os governantes nordestinos vão ao sul para pedir dinheiro para combater a Caatinga. Dizem que a Caatinga não é um bom lugar para se viver. Quando Bispo nasceu, 2/3 da população vivia nos campos e se autoalimentava, então era só abastecer o outro terço. “Minha vida era um paraíso: aquilo não era trabalhar, era viver. Íamos vivendo – não precisávamos ter planejamento, só confluências” (SANTOS, 2023, p.

³ Condomínios de luxo em cidades grandes.

80). Tudo mudou com a chegada do agronegócio, que orientou que boa parte dos frutos que costumavam consumir não fossem consumidos.

O povo quilombola tinha vergonha de vender frutas da terra. Se a natureza oferece de graça, por que vender? Isso é colonialismo. Nego Bispo afirma que o racismo acontece contra todas as formas de vida, incluindo frutas, peixes e animais silvestres. O tio-avô de Bispo falava que “o boi não precisa trabalhar para comer, é você quem precisa do boi, então peça por favor em vez de gritar para obrigá-lo” (SANTOS, 2023, p. 84), isto é, há uma relação de respeito com a natureza, mesmo na caça. Por exemplo, quilombolas não caçavam animais gestantes. O Ibama chegou para regular a caça na região, o que fez com que o rebanho de caprinos aumentasse, entrando em competição com o de veados, já que ambos se alimentam da mesma coisa e agora vão morrer de fome. Mestre Bispo diz que o Ibama só corre atrás de caçador, não de quem desmata. Se não querem que cacem, deveriam criar outros empregos ou pagar um salário mínimo para caçadores no período de reprodução. Além disso, já quase não há peixes, porque jogam veneno nas plantações no período da piracema.

O sexto e último capítulo, *criar solto, plantar cercado*, fala da relação da comunidade com a agricultura. Ali, a maioria das famílias afroconfluentes praticava a agricultura, de acordo com Nego Bispo. Ninguém tinha terras, tinham cultivos. O povo da comunidade entende que as plantações têm ciclos e formas de ocorrer: quando só há um tipo de plantio e não se deixam as plantas nativas brotarem, os viventes (animais e insetos) comem todo o plantio, gerando a necessidade de jogar veneno. “Nossa geração avó dizia que a gente planta o que a gente quer, o que a gente precisa e o que a gente gosta, e a terra dá o que ela pode e o que a gente merece” (SANTOS, 2023, p. 90). Isto é, a terra – e todos os seus compartilhantes – dá, mas a terra também quer.

As Ciências Agrárias, mais uma ferramenta da política colonialista estatal, chegaram às terras quilombolas ensinando o povo a plantar de modo linear e uma única variedade. Antes, os quilombolas plantavam de forma triangular e com rodízio de cultivos, respeitando os ciclos de cada cultivo. Na Caatinga do Piauí, cerca-se a planta que não anda e deixa-se solto o animal que anda, ao contrário do que os colonialistas propõem (ou impõem) fazer. Ali, entende-se que tudo que nasceu por conta da natureza é de todo mundo. As cabras são criadas misturadas

e sabem aonde ir ao fim do dia. Se uma vai para a casa errada, o vizinho devolve ao dono. Se encontram um animal doente, cuidam dele, ainda que não seja do seu rebanho.

Bispo diz que o desenvolvimento e o colonialismo chegam subjugando e destruindo, mas que devem entender que haverá reação. As vidas que pertencem ao ambiente atacado vão querer viver em qualquer outro ambiente. Sobre o conceito de “ecologia”, usado por pessoas acadêmicas, o mestre afirma que não existe no quilombo. Ali, só existe a roça de quilombo, de aldeia, de ribeirinho, de marisqueiro, de pescador e de quebradeira de coco. Ele questiona o termo usado: “por que a academia usa a palavra *ecologia* e não *agricultura quilombola*? Por que não usa *roça indígena*? As universidades são fábricas de transformar os saberes em mercadoria e a agricultura quilombola não é mercadoria” (SANTOS, 2023, p. 100). O autor ainda afirma que querem vender aos quilombolas seus próprios saberes, oferecendo cursos de agroecologia e de casa de taipa. “Diziam que éramos selvagens porque comíamos raízes. Hoje, mudaram o nome das nossas raízes: chamam de ‘plantas alimentícias não convencionais’” (SANTOS, 2023, p. 101).

Neste capítulo, Nego Bispo também debate a ideia de orgânico. Primeiro, fala de lixo orgânico, afirmando que, se é orgânico, não é lixo. Depois, dizendo que o se compra no mercado com selo de orgânico, mesmo sendo sem agrotóxico, não é orgânico, pois, se o pobre não pode comer, não é orgânico, é mercadoria. Só é orgânico aquilo que todas as vidas podem acessar. O mestre diz que o que antes era alimento para os viventes, para as vidas dos quilombolas, agora é alimento para as grandes cidades, que se apropriam dos saberes dos povos contracoloniais em uma relação extrativista.

O livro de Nego Bispo traz muitas reflexões a partir de uma perspectiva contracolonial, nos provocando ao deslocamento de nossas referências tão cristalizadas pela colonialidade e pelo eurocentrismo. Em uma escrita ao mesmo tempo leve e densa, o autor passeia por diversos assuntos, apresentando seu modo de vida e os saberes de sua comunidade. Pensando junto com Ailton Krenak, nesse livro encontramos ideias para adiar o fim do mundo (KRENAK, 2020): basta saber escutar os povos de trajetórias, que se relacionam com a terra e com a natureza de maneira respeitosa, integrada e em biointeração, como sugere Nego Bispo.

Referências

DIOP, Cheikh Anta. **The African origin of civilization: myth ou reality?** Tradução e edição: Mercer Cook. Westport: Lawrence Hill, 1974.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.